

O imperdoável

NILTON BONDER

Aproxima-se o dia do Kipur, Dia do Perdão. Neste dia, dita a tradição, Deus se faz transcendente e ocupa seu Trono recôndito não estando mais entre nós. Estamos sós. Iom Kipur, o dia espiritual máximo do calendário hebraico, é um dia sem Deus. Como se dessa ausência e dessa solidão pudessem aflorar a mais visceral das humanidades e a mais ácida das consciências.

O rabino de Kotzk costumava afirmar que tudo no universo tem um propósito e uma faceta positiva. Por conta disso foi desafiado por um discípulo: "E o que há de positivo em um ateu?" Ele respondeu de imediato: "O ateu vê uma pessoa com fome e não tem para quem repassar a responsabilidade. Não pode dizer 'que Deus te ajude'. Ou ele toma a si a situação ou não toma. Não há subterfúgios!" Sem usar Deus fica mais difícil ser reativo, passivo, conformado, dependente, apático, indiferente, submisso ou insensível. O Kipur, Dia do Perdão, nutre-se desse paradoxo: o dia da ausência é o dia de sua mais densa presença porque não podemos romper Sua palavra e Sua vontade para avalizar nossas palavras e nossas vontades. Porque a ausência de

Deus nos empossa e nos investe de parceria. E quanto mais parceiros, mais humanos nos fazemos.

O mundo de hoje está saturado de Deus. Não é o Deus dos profetas que um dia preencherá todos os corações, mas o Deus que sufoca o humano e que como um ídolo se torna repositório de todas as pequenas verdades dos homens. Verdades essas que excluem e destroem e que

matam indiscriminadamente em guerras, ônibus, trens e agora também em escolas. O que seria dos homens se deixassem Deus de fora e assumissem o que fazem? Com certeza muitos enlouqueceriam e muitos se fariam mais humanos. É muito fácil fazer o que Deus quer e desvencilhar-se da responsabilidade do arbítrio do próprio indivíduo. Por isso todo homem-bomba que se explode termina com suas 70 virgens — com 70 consciências de lucidez a lhe dilacerar em culpa pela eternidade afora!

Deus foi talvez a descoberta mais refinada de nossa consciência e, ao mesmo tempo, a que mais sofrimento trouxe. Entende-se agora a dificuldade de não fazermos ima-

gens e de não usarmos o Seu Nome em vão. O saber infelizmente nunca nos fez humildes, ao contrário, apenas o não saber produz esse efeito. É a maior das sabedorias nos levou à mais grosseira das soberbas — conhecemos a vontade do Criador. O terrorismo no mundo de hoje vem de braços dados com esse saber. É um Deus que fala por causas escusas que são maiores do que a vida e

por meio de um ódio que não é próprio de quem sofre já que é insensível ao sofrimento do outro.

Imperdoável ao terrorismo não é o mal que nos causa, mas o quanto nos faz mais maus. Como vítimas de abuso e de violência nos tornamos igualmente inoculados e transmissores de violência e abuso. Nossa

revolta quer de imediato acionar o Nome de Deus e sua jurisprudência cósmica. Afastamo-nos todos de nossa humanidade e como vítimas estamos agora prontos a reagir em Nome de Deus. Cabe às religiões esvaziar o planeta de Deus e declarar a todos os seus fiéis que, em tempos como estes, aqueles que falam em nome de Deus são todos falsos profetas. Pior.

são falsificações de si mesmos. São homens que não tomam a peito as suas ações e que são desprezíveis não só porque usam crianças como escudos humanos, mas acima de tudo porque usam Deus como escudo divino. Cabe a todos os que testemunham em si a revelação de Deus esvaziar o mundo de falas de Deus. Que os homens pensem e façam o que acharem que devem pensar e fazer. E que como homens sejam julgados por si e por outros.

O mal do mundo não é a infidelidade a Deus, mas a infidelidade ao humano e à vida. Isso porque, como dizia o mesmo rabino de Kotzk, tudo e todos têm o seu lugar próprio no mundo. E quando outro discípulo lhe perguntou: "E se todos têm o seu lugar, por que o mundo nos parece tão lotado?" Ele respondeu: "Porque cada um quer ocupar o lugar do outro." Talvez essa seja a melhor maneira de definir o terrorismo, ou seja, como o ato de querer ocupar o lugar do outro. E a forma mais plena de simbolizar isso é querer ocupar o lugar do Outro — de Deus. Resta fazer um pedido estranho, próprio de tempos estranhos: que o ano possa ser de menos Deus! Menos Deus nas falas e de mais Deus no coração!

NILTON BONDER é escritor e rabino da Congregação Judaica do Brasil.

O mal não é a infidelidade a Deus, mas a infidelidade ao humano e à vida
